



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA
Ênfase em Gestão Ambiental

DOMINGO HUGO DE OLIVEIRA KARAI

CASA TRADICIONAL GUARANI NO LITORAL NORTE DE SANTA
CATARINA

Florianópolis, 2020

DOMINGO HUGO DE OLIVEIRA KARAI

CASA TRADICIONAL GUARANI NO LITORAL NORTE DE SANTA
CATARINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Departamento de História/CFH, como pré-requisito para a Conclusão de Curso, sob a Orientação do Prof. José Antonio Kelly Luciani.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Oliveira Karai, Domingo Hugo
Casa tradicional Guarani no Litoral Norte de Santa
Catarina / Domingo Hugo de Oliveira Karai ; orientador,
José Antonio Kelly Luciani, 2020.
59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, , Graduação em ,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. . 2. Casa tradicional. 3. Guarani. 4. Litoral norte
de Santa Catarina. 5. Mudança cultural. I. Kelly Luciani,
José Antonio. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em . III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Domingo Hugo de Oliveira
Karai _____, matrícula
n.º 16105922 _____, entregou a versão final de seu TCC cujo
título é **CASA TRADICIONAL GUARANI NO LITORAL NORTE DE SANTA
CATARINA** _____, com as devidas correções
sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 10 de 2 de 2020.



Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos10..... dias do mês de fevereiro..... do ano de dois mil e vinte, às 10:30..... horas , na Sala 321..... do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor , Orientador José Antonio Kelly Luciani..... e Presidente, Professora Ana Maria Ramo y Affonso....., Titular da Banca, e Professora, Maria Eugenia Dominguez..... Suplente, designados pela Portaria nº.11/2020/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico ..Domingo Hugo de Oliveira Karai....., subordinado ao título:”.. CASA TRADICIONAL GUARANI NO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA.....”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor...José Antonio Kelly Luciani.....,a nota final ..10., da Professora.. Ana Maria Ramo y Affonso..... , a nota final 10 de da Professora ... Maria Eugenia Dominguez..... , a nota final ..10.; sendo aprovado com a nota final ..10... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital(PDFA e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 05 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, ...10... de.....Fevereiro.....de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. J. Kelly

Prof. Ana Maria Ramo y Affonso

Prof. Maria Eugenia Dominguez

Candidato Domingo Hugo de Oliveira Karai

Este trabalho é dedicado aos meus colegas acadêmicos e ao meu Povo Mbya Guarani do Litoral Norte de Santa Catarina.

AGRADECIMENTOS

Ao falar em agradecer, não caberia a este pedaço de papel, pois, em primeiro lugar à Nhanderu, por ter me dado capacidade e força para realizar este trabalho. E logo a seguir, à minha mãe que me apoiou nas horas devidas, Dona Nina de Oliveira, com muito amor e carinho por me ensinar como enfrentar obstáculo nesta terra. Meu amor que sempre me deu conselho durante a minha caminhada acadêmico, cito minha esposa Vitória Luiz Euzébio e nossas três pequenos Nathielly Jaxuka Stthefany Euzébio de Oliveira, Adrielly Para'i Euzébio e Vera'i Edy Euzébio Oliveira, que estavam presentes no meu cotidiano e pela paciência, enquanto estive estudando, e por me fortalecer nesta caminhada, meu amor infinito a eles. A minha sogra, Dona Idalina Fernandez dos Santos, por me apoiar e contribuir no meu trabalho em todos os momentos. A minha comunidade Guarani, e também destaco. Lideranças das quatro Aldeias por me apoiarem como verdadeiros defensor da causa indígena e por partilharem comigo suas visões de terra. Ao acadêmico, colega Leonardo Wera Tupã, por me fornecer um pouco de seu conhecimento e ser parceiro nas ideias. À acadêmica, colega Juçara Jaxuka, por me auxiliar com sua sabia ideias que partilha na sala de aula, seja discutindo, seja traduzindo-o para o Guarani, só tenho agradecer pela sua vida. Ao acadêmico, Daniel Kuaray, por me incentivar no tema do trabalho de campo, e ainda por também partilhar seus conhecimentos. Aos acadêmicos da turma Guarani, por vivermos em comunhão durante esse tempo de vivência na Universidade. Ao meu orientador Dr. José Antonio Kelly Luciani, por me orientar neste trabalho, fornecendo ideias importantes para que tive sucesso neste trabalho, e com sua aceitação por me aceitar como seu orientando.

A Diretora da Escola Indígena Ensino Fundamental Amba'y Ju Maria Aparecida de Carvalho, por fazer presente na Aldeia, vivenciando nosso cotidiano, tanto escola quanto comunidade. Aos entrevistados, por terem paciência, em fornecer seu conhecimento e dessa maneira contribuir para o meu trabalho, aqui cito os nomes de Idalina Fernandez dos Santos, Nina de Oliveira, Vitoria de Oliveira, Osvaldo de Oliveira Karai e minha irmã Azilda de Oliveira Yva'i. À Universidade Federal de Santa Catarina, em seu Centro de Filosofia e Ciências Humanas e ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, agradecemos aos que dos mesmos fazem parte. A todos os professores que nos acompanharam desde nosso ingresso, até o fim dessa jornada, que nos colocamos como

graduados. Um agradecimento especial aos anciões que deixaram suas Aldeia para virem no campus da universidade fazer acontecer AACC.

RESUMO PORTUGUÊS

No presente Trabalho de Conclusão de Curso a pesquisa em questão é sobre casa tradicional Guarani no litoral Norte de Santa Catarina em quatro aldeias: Takuaty, Jabuticabeira, Yvapuru e Yvy Ju , duas localizadas no mesmo município de Araquari e uma no município de São Francisco do Sul e outro no município de Doutor Pedrinho, e tem por objetivo mostrar que ainda é construída a casa tradicional, representada principalmente pela Opy – casa de reza, nessas aldeias e em outras aldeias também. A casa tradicional está presente e faz parte de nossas vidas e está ligada ao mundo espiritual, aida assm, irei abordar também como a casa tradicional vem se perdendo ao longo dos tempos, onde devemos tomar certas precauções ou cuidados, para que a cultura dos não indígenas não se sobreponha nesse ciclo habitacional da vida dos Guarani e aconteça a ruptura com as verdadeiras raízes tradicionais. As formas de construção tradicional Guarani passam pelo mundo espiritual, como uma forma de manter viva a essência da cultura. A casa tradicional deve então continuar, no sentido de reforçar esse aprendizado e contrapor a a casa atual presente em certas aldeias, já contaminada com práticas de construir dos não indígenas. O esforço dessas comunidades indígenas no presente busca mostrar a dificuldade de construir e prática da casa tradicional, isso preocupa às futuras gerações dos Guarani.

Palavras-chave: Casa tradicional, Guarani, Litoral norte de Santa Catarina, mudança cultural.

RESUMO MBYA GUARANI

Kova'e mba'epo ma, mba'exa pa oo hete'i regua ojekuaa irundy tekoa py, Takuaty, Jabuticabeira, Yvapuru ha'e Yvy Ju, aikuaa pota mba'ere pa Opy rive'i ma tekoa rupi jaexa, oparu pita'u ha'e rami, ha'e mba'ere pa ha'e rami, mba'ere pa heta va'ekuary rami rive ma nhandero, ha'e ramingua aikuaa xevy, ay guigua pa mba'ere tu nonhemboo vei okuapya aikuaa pota. Ha'evy ma amombe'u-mbe'u 'ita marami pa oo reko regua heta va'e kuery oexa. Aikuaa pota ramo ma oo hete'i pave rekoa rupigua ema oo hete'i py ve'y aema oo okuapy vy ma heta va'e kuery rekoa rami rive ma oĩ, heta va'e kuery ojapo va'ekue py rive ma nhandero pavẽ ta'u ha'e rami, ha'e ramo ma aexa ramo nda'evei, ha'evy ma ko oo etei reko pavẽ aema ndoikuavei. Oo ete'i regua jaikuaa pota ramo ma, pavẽ ijyvate kueve'i pe nda'evei ae, ha'evy ma nhande mbya kuery haxy teĩ rãe ma raka'everã peve nguãrã pavei nhe'ẽ re vy, ha'evy ma yma guive aema tuja'i kuery ha'e karai kue'iry oikuaa teri yma ve mba'exa pa oo opy rãĩ ojeapo raka'e ha'e vyma aỹ peve ha'e kuery oikuaa hetavae kuery mbyte'ipy tei nomokanhyi mba'egui pa ojeaporã opy'i, aỹ peve oguereko ha'e va'e arandu, kunumingue' ipe, omombe'u aguã. Ha'e pavẽ pe oexauka aguã nhanderekoa'ei okanhy 'e'ỹ aguã.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Terras Indigenas Guarani pesquisadas no Litoral Norte de Santa Catarina.	19
Figura 2. Mapa panorâmico de duas aldeias indígenas na TI Pindoty Gleba B	20
Figura 3. Mapa panorâmico das quatro aldeias Indígenas na TI Pindoty Gleba A	20
Figura 4. Aldeias guarani levantadas no litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina (década de 1980)	21
Figura 5. Mapa panorâmico das aldeias Indígenas de Litoral Norte de Santa Catarina	23
Figura 6. Mapa panorâmico das aldeias pesquisadas.	23
Figura 7. Mapa panorâmico da Comunidade Indígena Jabuticabeira.	24
Figura 8. Aldeia Jabuticabeira	25
Figura 9. Aldeia Jabuticabeira/ anciões.	26
Figura 10. Opy'i/ Casa de reza/	26
Figura 11. Aldeia/Jabuticabeira /Semente de Milho	27
Figura 12. Aldeia Jabuticabeira/Plantação	27
Figura 13. Aldeia Jabuticabeira/ Semente de Milho na cova	28
Figura 14. Aldeia Jabuticabeira/ estrutura da casa	28
Figura 15. Mapa panorâmico da Comunidade Indígena Yvapura.	29
Figura 16. Aldeia Yvapura	29
Figura 17. Arvore de Jabuticaba.	30
Figura 18. Aldeia Yvapura/ Casa Tradicional Guarani Mbya sem parede	31
Figura 19. Mapa panorâmico da Aldeia Yvy Ju.	32
Figura 20. Aldeia Yvy Ju	33
Figura 21. Aldeia Yvy Ju	33
Figura 22. Aldeia Yvy Ju/ Construção de Opy'i (casa de reza)	35
Figura 23. Aldeia Yvy Ju/ Plantação de milho guarani	35
Figura 24. TI Laklãnõ Xokleng.	36
Figura 25. Mapa panorâmico da Comunidade Indígena Takuaty.	36
Figura 26. Tekoa Takuaty/ Opy'i/ Casa de Reza	38
Figura 27. Tekoa Takuaty	39
Figura 28. Casa Tradicional Guarani/ Construção/ TI Pindoty/ Araquari – SC	42
Figura 29. Casa Tradicional/ Mbya Guarani	42
Figura 30. Opy/Casa de reza	43
Figura 31. Opy'i/ Casa de Reza/ Yvapura.	44
Figura 32. As casas da aldeia Yvapura	45
Figura 33. Descascando a madeira/ Jabuticabeira	46
Figura 34. Estrutura levantada/ Jabuticabeira	47
Figura 35. Comunidade Yvy Ju	48
Figura 36. Cacique Osvaldo Karai carregando palha	49
Figura 37. Estrutura da Casa de Reza/ Yvy Ju	49
Figura 38. Casa de Reza/ Yvy Ju	50
Figura 39. Yvapura/ cerca com arame farpado	54
Figura 40. Mapa panorâmico da Aldeia atual e antigas	55

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OS MBYA GUARANI DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA	17
3. ALDEIAS MBYA GUARANI DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA	23
4. O QUE É TEKOA? – SIGNIFICADO DE TEKOA PARA O POVO MBYA GUARANI	40
5. CASA TRADICIONAL GUARANI	42
6. O QUE LEVA A NÃO CONSTRUÍREM MAIS A CASA TRADICIONAL	52
7. CONSIDERAÇÃO FINAL	56
8. BIBLIOGRAFIA	57

1. INTRODUÇÃO

Tekoa Takuaty é uma comunidade Guarani Mbya que se encontra dentro da Terra Indígena Laklãnõ Xokleng, antigamente chamada Reserva Indígena Duque de Caxias, situada no alto Vale de Itajaí, nos municípios de José Boiteux, Vitor Meirelles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis/SC.

Eu, Domingo Hugo de Oliveira Karai, graduando no curso de Licenciatura Indígena do Sul Mata Atlântica, estando na oitava fase/segundo semestre de 2019, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, vou relatar a história de como cheguei no meu tema e a minha motivação.

Tudo começou na tarde de uma quinta-feira, dia 11 no mês de agosto de 2016, na Tekoa Takuaty, município de Doutor Pedrinho/SC, quando dois homens brancos chegaram de caminhote de cor branco a nós vistar.

O dia parecia normal igual a todos os dias, mas de repente começou a chover, por essa razão, todos ficaram dentro das suas casas, já que não iam fazer nada por estar chovendo, e lógico eu também fiquei em casa e nem sai para visitar os meus vizinhos e colegas.

Quando chegaram dois homens brancos fui ao encontro para receber e conversar, para saber o que eles queriam, ao encontrar cumprimentei e o convidei para entrar na casa para sentar e conversar, pois, estava chovendo no momento que chegaram. Ficaram muito surpresos pois fui ao encontro deles e o convidei para entrar na minha casa, e fomos conversando com eles eu e a minha esposa Vitoria Kerexu, oferecemos cafezinho e eles aceitando numa boa, e perguntando como que a gente sobrevive ali, e a Kerexu respondeu: “Aqui a gente faz roça e cultivamos nosso próprio milho... fazemos artesanatos para vender”.

Como temos casinha tradicional ao lado da casa de madeira, perceberam e pediram para entrar para ver como que é por dentro, e entraram, como tínhamos deixado lenha queimando entrei sentei e fumei Petyngua (cachimbo) e perceberam a diferença da casa de madeira com a tradicional, pois a casa de madeira é mais frio, já na tradicional e mais

quentinho. Sentaram e eu também e conversamos, e contaram que já conhecem algumas aldeias Guarani de Santa Catarina, mas a minha não conheciam e nem sabia que existia.

Devido a viagem que fazem quase por todo território nacional já passaram por várias áreas indígenas, em algumas aldeias disse que chegava quando possível, disseram que nas aldeias que chegava só os homens que conversava com eles, e perguntaram porque isso, então respondi: “Quase em todas as aldeias Guarani mbya as mulheres têm vergonha para conversar com os brancos, mas isso não quer dizer que todas são assim”. Então um deles disse: “ Isso deu para perceber quando a tua esposa respondeu a pergunta que fizemos, e ela fala bem em português”. E assim fomos conversando até que deu estiagem, e eles saíram da casinha tradicional e ficaram observando o espaço e acharam lindo, como a aldeia fica em cima do morro a visão é ampla, dava para ver a paisagem e pôr sol.

Mostrei o espaço e apresentei a eles Tekoa Takuaty, ficaram mais admirados quando viram a Opy (Casa de Reza), tiraram uma foto e comentando sobre ela, um deles falou: “e muito bom manter a cultura e a tradição, pois assim, vocês podem dizer que são indígenas e vivem na aldeia”. Quando fez esse comentário percebi que eles chegavam para ter certeza se é mesmo uma aldeia indígena.

Já que tem uma placa que está escrita venda de artesanato indígena pediram para ver o que temos de artesanato no momento. A minha esposa Vitoria Kerexu fez exposição para eles ver, e compraram alguns artesanatos.

Depois que compraram artesanatos conversamos mais um pouco, onde me fez uma pergunta: “ Você conhece aldeia Mbiguaçu? “. Respondi: “ Sim”. E um deles começou a falar sobre essa Aldeia: “ Quando fomos para cidade de Tubarão deparamos na beira de BR-101 com uma placa que está escrita Aldeia Mbiguaçu, então a curiosidade falava mais alta e resolvemos chegar, e fomos chegando, e só vimos algumas crianças brincando, parecia que não tinha nenhum adulto por perto e não vimos nenhuma casa que acabamos de presenciar aqui. Parecia que estávamos chegando na favela, sabe. Só tem casa de alvenaria igual a que se encontra na cidade mais pobre, então nem descemos de carro, fizemos a volta e seguimos a nossa viagem” assim concluiu. Não respondi nada, fiquei só ouvindo o que ele falava. Após disso me agradeceu por ter mostrado o espaço para conhecer o lugar, e se despediram levando artesanato e fotos da comunidade Guarani de Tekoa Takuaty.

Depois que saíram fui pensar sobre o que eles falaram, sobre a importância de ter a casa tradicional guarani dentro de uma aldeia, pois, não saía da minha mente uma palavra que ficou tão forte no meio daquela frase “ FAVELA” isso foi o suficiente para mim refletir e olhar para as aldeias Guarani de Litoral Norte de Santa Catarina para pesquisa acadêmica com Tema de Casa Tradicional Guarani no Litoral Norte de Santa Catarina. Mesmo assim pensei em outro tema, em Agricultura Tradicional Guarani.

Tudo começou quando recebi uma visita inesperada que me levou a pensar nas aldeias Guaranis, fiz várias perguntas a mim mesmo, será que por não ser indígenas que tem essa visão? Será por preconceito? Surgiu inúmeras perguntas na minha mente. Então, a conversa com a minha professora Kércia Figueiredo na sala de aula, foi crucial para o rumo da minha pesquisa, pois me sugeriu para contar para a turma toda na sala de aula, e o Daniel Kuaray colega de sala é morador da Aldeia Mbiguaçu me incentivou para mim fazer a pesquisa. Não só o Daniel Kuaray, mas sim, todos da sala me deram incentivo para mim abraçar esse tema citado a cima, cheguei na conclusão, com meus colegas e minha professora me incentivando, vou fazer essa pesquisa. Para os brancos olhar com outro olhar para as aldeias indígenas Guarani e até mesmo entender o porquê de uso de casa de branco em maioria das aldeias Guarani na atualidade. O surgimento de ideia de pesquisar Casa Tradicional Guarani no Litoral Norte de Santa Catarina é para responder o termo que foi utilizado pelos dois visitantes com a fala dos povos indígenas Guarani Mbya das Aldeias de Takuaty (Dr. Pedrinho, SC); Jabuticabeira (Araquari, SC); Yvy Ju (São Francisco, SC). Pois, por não conhecer a realidade do povo tradicional eles (brancos) chamam o espaço que os indígenas utilizam como quiserem.

Este trabalho vai tratar da importância das casas tradicionais para as comunidades guarani. Venho observando há algum tempo como eram antes, e como são hoje. Atualmente, a maioria das casas são construídas de alvenaria e de madeira, o que impossibilita fazer fogo no chão. Para o povo é importante ter o fogo no chão, especialmente para poder usar o Petyngua – cachimbo usado cotidianamente como prática espiritual. Com as casas sem o fogo de chão, essa pratica espiritual fica prejudicada, pois se torna impossível usar petyngua dentro de casa.

Por isso, venho ressaltar a importância de ter as casas tradicionais para nós guarani, porque sem elas como vamos dizer que temos um Tekoa? Um Tekoa é a forma de organização

do espaço de acordo com o modo de viver guarani. As casas como têm sido feitas nos dias de hoje não faz parte de nossa cultura.

O Tekoa é extremamente importante na cultura Guarani, pois de acordo com Maria Inês Ladeira “fundar” um Tekoa, ou recuperá-lo ou reconstituí-lo mediante as unidades familiares, é realizar o projeto coletivo de reconstrução do mundo Mbya por meio da reprodução, nos diversos Tekoa, dos elementos originais existentes em Yvy apy. Yvy apy é o lugar exemplar criado por Nhanderu, onde desceram seus filhos, na terra, e de onde é possível retornar ao infinito”. (2007,p.94).

Ainda sobre o significado de Tekoa, a autora reforça que “O Tekoa é traduzido como o lugar onde é possível realizar o modo de ser Guarani. Teko, “o modo de ser”, abrange a cultura, as normas, o comportamento, os costumes (Montoya, 1976[1639], p.363-6 apud Ladeira, 2007, p.93). “O tekoa, com toda a sua materialidade terrena, é sobretudo inter-relação de espaços culturais, econômicos, sociais, religiosos e políticos” (Meliá, 1989, p.336, apud Ladeira, 2007, p.93).

O Tekoa é um espaço onde se constitui, a organização cultural, sociais, normas, leis. E um espaço que as crianças aprendem desde pequenas a respeitar cultura que se constrói dentro do espaço construída para viver o modo e a maneira de ser Guarani. Para as futuras gerações ter a vivência de acordo com a cultura, o tekoa precisa ter casa tradicional.

2. OS MBYA GUARANI DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA

Quando se fala de territorialidade indígena guarani mbya, não se fala de um só lugar, município ou Estado. É muito além de tudo isso, pois os Guarani Mbya, desde da antiguidade faziam esse “círculo habitacional” que até hoje fazem, sendo que este círculo é o caminho Guarani, que compreende seu território, onde cada lugar possui a importância para a vida Guarani, percebendo o caminhar como componente essencial de seu saber e tradição. Para o Guarani Mbya não existem limite de fronteira. Nesta pesquisa, trabalho apenas com os Guarani Mbya, mas é preciso ressaltar que o Povo Guarani, de acordo com Moreira, 2015, p 09:

Existem hoje quatro grupos guarani localizados na América do Sul: Chiriguano na Bolívia (60.000 indivíduos), Kayowa (40.000), Chiripa ou Nhandeva (30.000) e Mbya2 (30.000), distribuídos na região centro oeste, sul e sudeste do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. (MOREIRA, 2015, p. 09).

E o pesquisador Silva, confirma a afirmação de Moreira:

Os Mbyá, sub-grupo focado neste trabalho, atualmente residem em aldeias esparsamente distribuídas no leste do Paraguai, no nordeste da Argentina, no Uruguai e no Brasil, país no qual eles residem principalmente no interior dos estados da região sul, indo também do litoral do Rio Grande do Sul até o Espírito Santo (VIETTA, 1992; LADEIRA e MATTA, 2004; ASSIS, 2006a). A população MbyáGuarani no Brasil, segundo uma estimativa de 2004, é de cerca de sete mil indivíduos (LADEIRA e MATTA, 2004). (Silva, 2013p, 06)

Desde sempre existiram as aldeias nesse Região no litoral norte de Santa Catarina, nos Municípios de Joinville, Araquari, Garuva, Balneário Barra do Sul e São Francisco do Sul. De acordo com Moreira (2015, p, 08) “Os Guarani, que historicamente eram denominados Carijó, habitavam a costa atlântica, desde a Barra da Cananéia até o Rio Grande do Sul (onde era o grupo mais numeroso), a partir daí até os rios Paraná e Paraguai”. Isso

mostra que o povo Guarani vivia e vive na atualidade. Mas na visão dos brancos da região, parece que os indígenas só existiram no passado. Por exemplo, o site www.litoraldesantacatarina.com de divulgação sobre a região litoral Norte de Santa Catarina mostra que indígenas estavam só no passado, não mostra essa realidade que até hoje no município existem as aldeias indígenas Guarani antigamente denominadas Carijó. A história de São Francisco do Sul mostra que esse povo indígena só existia no passado, que hoje já não existe, isso fica muito claro nesse texto:

“Além da boa infra-estrutura oferecida em São Chico, como é popularmente conhecido, são inúmeros os pontos turísticos da cidade. Entre eles o Mercado Público Municipal construído em 1916; o Museu Histórico Municipal que abriga em suas salas objetos doados pela comunidade francisquense; o Museu nacional do mar, único do gênero na América do Sul, e os Sambaquis, elevações arqueológicas onde são encontrados instrumentos de pedras lascada e polida, esqueletos humanos e restos de fogueiras das antigas residências dos índios que viveram ali há muitos anos atrás.”

Em relação a esse texto, como está representada a presença indígena, temos um contraponto que é necessário fazer: a presença dos indígenas Guarani, não se limita ao passado remoto como diz no texto, mas bem os Guarani ainda residem nesses locais. Existem duas aldeias, e é essas duas aldeias tem escola, e a presença indígena é constante na circulação da cidade de São Francisco do Sul como do município. Como podemos perceber, não é verdade essa afirmação que os indígenas só viveram no momento passado, eles continuam vivendo na realidade atual.

São Francisco do Sul e Araquari, são municípios em que a presença indígena é constante quanto na circulação e as aldeias indígenas Guarani que se encontram nos dias de atuais.

Podemos observar no Museu Histórico Prefeito José Schmidt em São Francisco, que houveram populações indígenas muito antigas que residiram ali, pois foram encontrados vestígios de grupos Jê, Tupi Guarani e a presença indígena dos Guarani nesse momento. Os mais velhos das aldeias também falam que haviam muitos povos indígenas na região, mais que os três povos (Guarani, Kaingang e Laklãnõ-Xokleng) que se conhecem hoje em dia.

Isso mostra que desde sempre existiram populações indígenas no litoral norte de Santa Catarina, pois em cada município do litoral norte há presença indígena na atualidade. Para ter conhecimento de cada município, eles são: Garuva, Araquari, Balneário Barra do Sul, São Francisco do Sul.

Em Garuva tem uma aldeia Guarani chamada Yãkã Porã, já em Araquari há a TI Pindoty, onde se encontram seis aldeias, há também, terra indígena Tarumã que se encontra no município. Totalizando todas as aldeias são onze no Litoral Norte de Santa Catarina, e uma aldeia Guarani que se encontra dentro da Terra indígena Laklãnõ Xokleng que fica no médio vale de Itajaí, chamada Tekoa Takuaty.

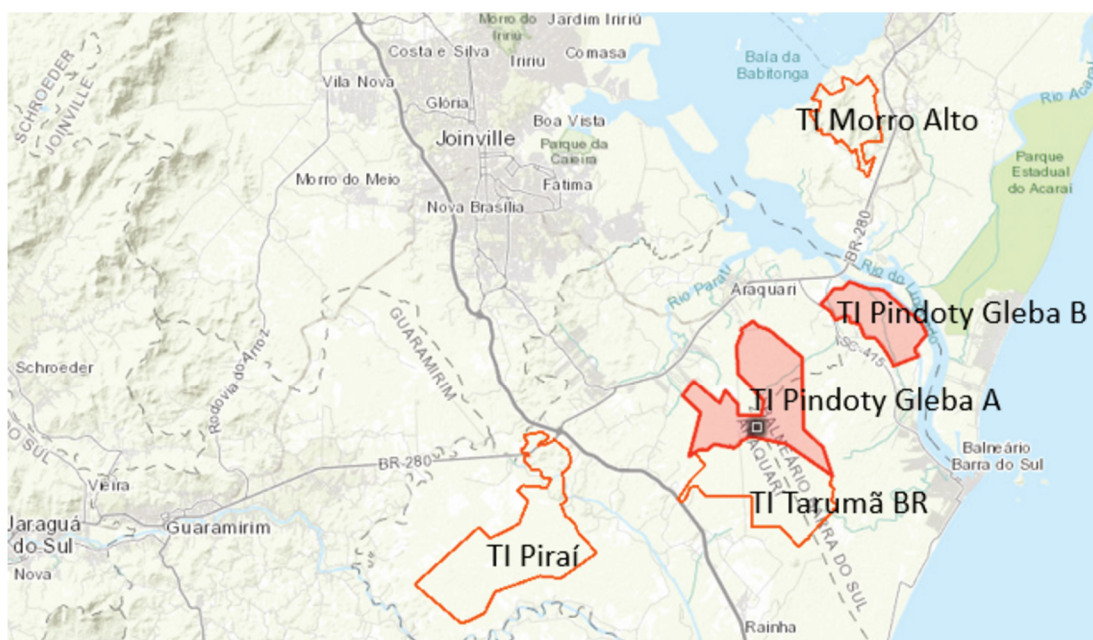


Figura 1. Terras Indígenas Guarani pesquisadas no Litoral Norte de Santa Catarina. Imagem Tirada do Google Earth, as quatro TI de litoral Norte de SC - editada por Domingo Hugo de Oliveira Karai, 16/12/2019.

São quatro Municípios onde as aldeias indígenas são encontradas, seis aldeias só na Terra Indígena Pindoty, uma aldeia na terra indígena Pirai, chamada Tiaraju. No município de Balneário Barra do Sul também se encontram duas aldeias Guarani: Jataity e Pakurity, que estão na Gleba B da TI Pindoty.



Figura 2. Imagen Satelite: Mapa panorâmico de duas aldeias indígenas localizada na TI Pindoty na Gleba B - Imagem Google Earth, 16/12/2019.

No município de São Francisco do Sul atualmente se encontram duas aldeias indígenas, a aldeia Yvy'ã Yvate (Aldeia Morro Alto) e a outra é a aldeia Yvy ju (também chamada de Aldeia da Reta). No município de Araquari, está a Gleba A da TI Pindoty. Ali temos quatro aldeias: Jabuticabeira, Yvapuru, Pindoty, Tarumã mirim.



Figura 3. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico das quatro aldeias Indígenas localizada na TI Pindoty na Gleba A- Imagem Google Earth, 16/12/2019.

O trabalho de Ladeira (2007, pg 51), mostra claramente onde estavam no momento do levantamento que ela fez a localização das aldeias que se encontravam no litoral no ano de 1980.

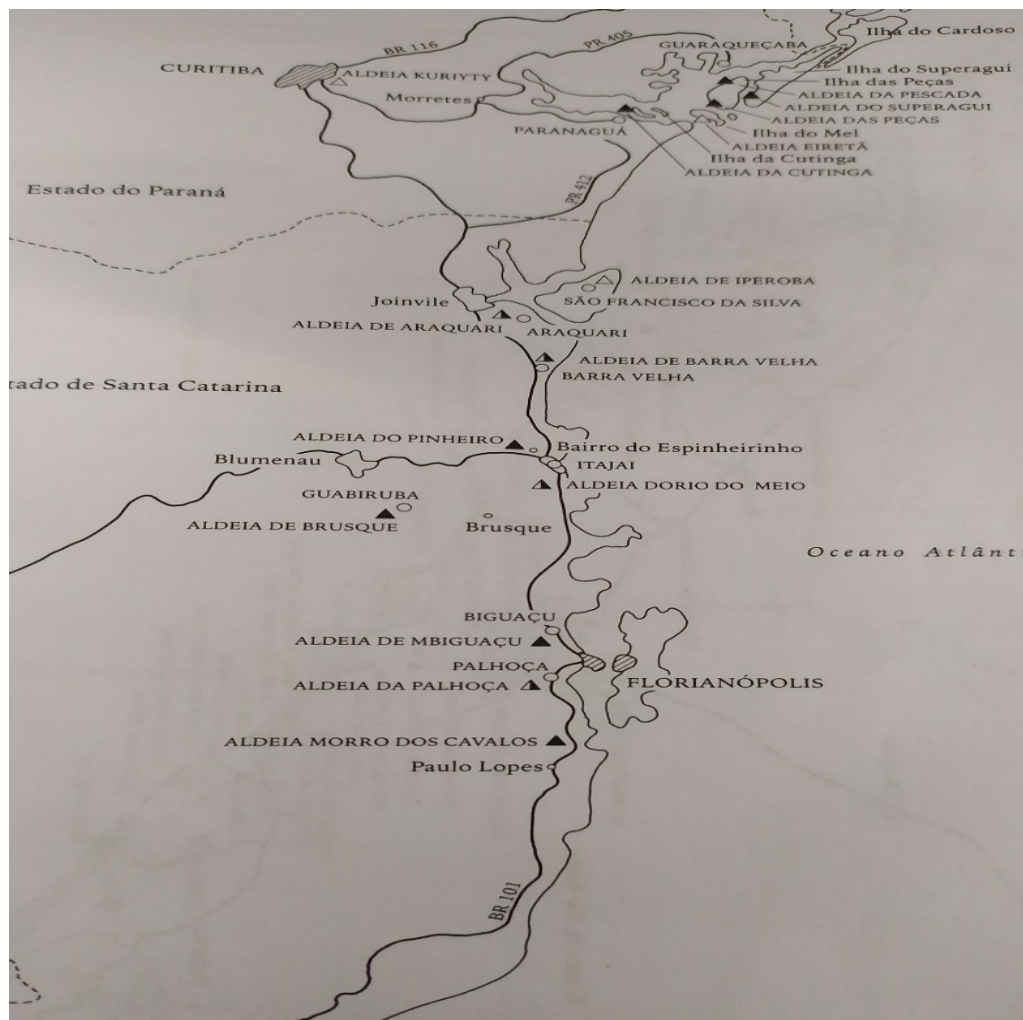


Figura 4. Aldeias guarani levantadas no litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina (década de 1980).

O primeiro nome do município de Araquari foi Paranaguá Mirim (Enseada Pequena, na língua Tupi Guarani) isso está confirmado na história do município que se encontra no site do próprio município:

“A expedição reuniu 250 homens da confiança de Cabeza de Vaca, 40 cavalos, alguns escravos e um grupo de índios catequizados pelos jesuítas. Um mês depois, chegavam a Araquari, que chamaram primeiro de Paranaguá Mirim ('enseada pequena', em tupi-guarani) e depois de Paraty. Em 1658, os primeiros bandeirantes portugueses fixaram-se na região, habitada por índios carijós, mas a fundação efetiva da vila só aconteceu em 1848, quando uma

nau portuguesa aportou em Paraty sob o comando de Manoel Vieira, que ali fundou uma pequena colônia.”

Reforçando a história que já está confirmada nesse texto, os Guarani estão ali porque a área já era utilizada pelos seus antepassados Carijó, que até hoje estão habitando um pedacinho de seu imenso território que ocupavam antigamente. E hoje a sociedade não indígena percebe a presença indígena como uma ameaça, portanto, trata a comunidade indígena com preconceito e discriminação.

3. ALDEIAS MBYA GUARANI DO LITORAL NORTE DE SANTA CATARINA

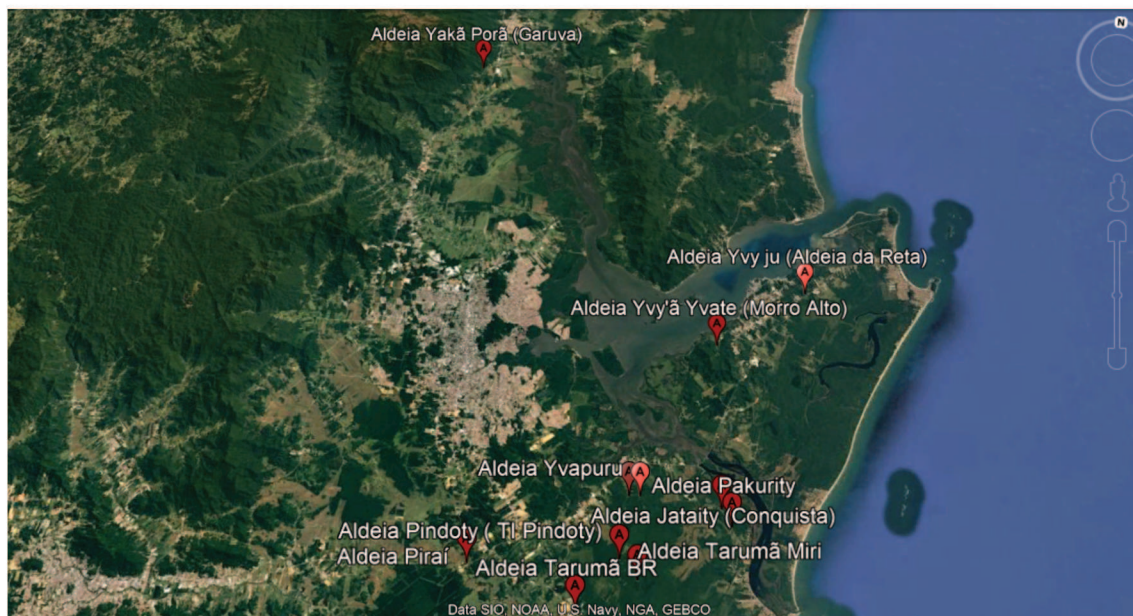


Figura 5. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico das aldeias Indígenas de Litoral Norte de Santa Catarina – Imagem Google Earth, 16/12/2019.

3.1 ALDEIAS PESQUISADAS

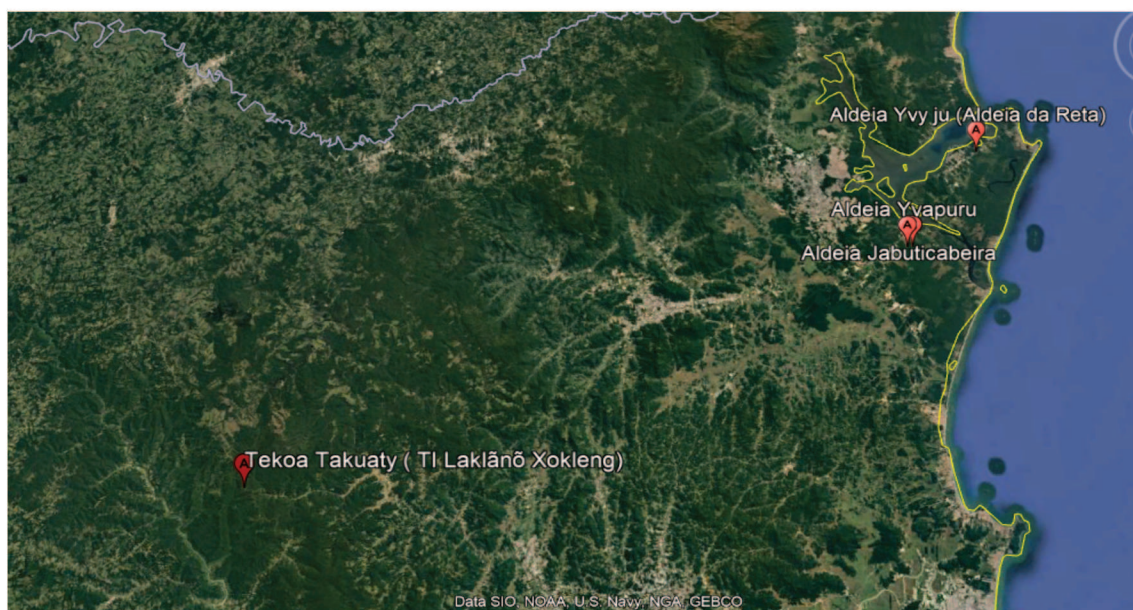


Figura 6. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico das aldeias pesquisadas - Imagem Google Earth, 16/12/2019.

3.2. ALDEIA JABUTICABEIRA



Figura 7. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da Comunidade Indígena Jabuticabeira – Imagem Google Earth, 16/12/2019.

A aldeia Jabuticabeira é uma das dez aldeias que existem na região norte de Santa Catarina – SC, que fica localizada dentro da Terra Indígena Pindoty no Município de Araquari.

A comunidade Guarani Mbya pertencente ao povo que povoava ao longo da história que estiveram na costa atlântica desde mesmo antes da chegada dos europeus, tanto é que a palavra “Araquari” em Tupi Guarani, que é nome do município, significa *Pequena Areia ou Praia Pequena*, até hoje a população indígena se encontra presente nessa área e circulando pelas ruas do município frequentando lojas, banco, caixa lotérica e supermercado, etc.

O Povo Guarani Mbya, até hoje pratica, pois, é parte de sua cultura, o que eu estou chamando de *ciclo habitacional*. Isto para diferenciar do termo que os brancos usam em relação ao movimento Guarani, "nômades," pois ao contrário do que eles pensam, os Guarani sabem para onde vão e onde ficar, não circulam à toa. Assim, pondo em prática e transmitindo o conhecimento aos mais jovens através da oralidade para que conhecimento dos ancestrais permaneça vivo.



Figura 8. Aldeia Jabuticabeira/foto de Hugo Karai/2019

A Aldeia Jabuticabeira existe desde 2000, mas antes já tinha morador no local e na região de Joinville, Araquari, Garuva e São Francisco do Sul, que pertencia ao povo Carijó. Quem deram esse nome de Carijó aos indígenas, foram os europeus que quando chegaram avistaram, os que hoje são os Guarani. De acordo com Inácio de Oliveira um dos moradores da aldeia conta que, ele veio morar aqui, pois, os avos dele já estavam morando no que hoje é a aldeia Pindoty que pertence ao mesmo município.

A aldeia recebeu esse nome Jabuticabeira, pois, no começo da instalação da aldeia tinha bastante jabuticaba, portanto, recebeu esse nome que em guarani se diz *Yva Puru*. *Yva Puru* é também o nome de outra aldeia que fica próxima de Jabuticabeira. Com isso temos duas aldeias próximas que tem o mesmo nome, uma na língua portuguesa brasileira e a outra na língua Carijó, ou seja, na língua Guarani, dialeto Mbya. No começo só tinha uma família, mas com o decorrer do tempo as famílias foram crescendo e hoje já são 16 famílias.

Na comunidade tem dois lideranças, o cacique é Fabiano Macena e seu braço direito é a liderança Edson Macena, esses dois respondem pela aldeia, quando vão fora ou quando vem pessoal na comunidade, também tem xejaryi (anciã) e xeramoĩ (ancião) que são mais

importantes para comunidade, através deles que o cacique e sua liderança adquirem conhecimento.



Figura 9. Aldeia Jabuticabeira/ anciões / foto de Hugo Karai/ 2019

A religião tradicional e bastante visível na aldeia, apesar da tecnologia que é forte na comunidade. Eles (comunidade Guarani) valorizam muito a cultura, como as duas aldeias ficam próxima entre elas, portanto, se alguém da comunidade Jabuticabeira quiser ir na aldeia Yva Puru onde se encontra Opy'i (casa de reza) é livre para ir.



Figura 10. Opy'i/ Casa de reza/ foto de Hugo Karai/ 2019

Na comunidade as práticas tradicionais continuam sendo praticadas pelas crianças, jovens e adolescentes. Pois, todos participam das danças, cânticos, dança da tangará e dança dos guerreiros (Xondaro). Meninos e meninas participam juntos durante cânticos e da dança de Tangará. Na dança do xondaro só os meninos que participam onde estão se preparando para ter leveza, rapidez e força espiritual.

Devido acidez do solo, a comunidade encontra dificuldade para plantar. Porém, algumas famílias buscam outra forma de cultivar o solo (horta familiar), onde é cultivado milho, feijão e amendoim. É comum encontrar na aldeia as galinhas e patos circulando, e coelhos, tudo isso é para próprio consumo. Tem, também galinheiro, estufa de hortaliça e uma pequena horta.



Figura 11. Aldeia/Jaboticabeira/Foto de Hugo Karai/Semente de Milho/Vermelho/2019



Figura 12. Aldeia Jaboticabeira/Plantação/Foto de Hugo Karai/2019



Figura 13. Aldeia Jabuticabeira/ Semente de Milho na cova/Foto de Hugo Karai/2019

Em relação as casas, na comunidade se encontra só casa de madeira. Algumas casas as estruturas são feitas de madeira do mato, mas, a cobertura já é de Eternit ou vice-versa.

A comunidade sabe da importância, porem, por vários motivos estão deixando de construir a casa tradicional na Aldeia Jabuticabeira.

A fonte de renda da comunidade da aldeia é: alguns trabalham fora da comunidade, alguns são professores e merendeira na escola indígena que fica na aldeia Pindoty, aposentadoria, agente indígena de saúde (AIS), agente indígena de saneamento (AISAN), também, tem as mães dos alunos que recebem bolsa família do programa do governo federal. E os artesãos que fazem vários tipos de artesanatos que vendem no município e nos municípios vizinhos.



Figura 14. Aldeia Jabuticabeira/ estrutura da casa/ Foto de Hugo Karai/ 2019

3.3.ALDEIA YVAPURU

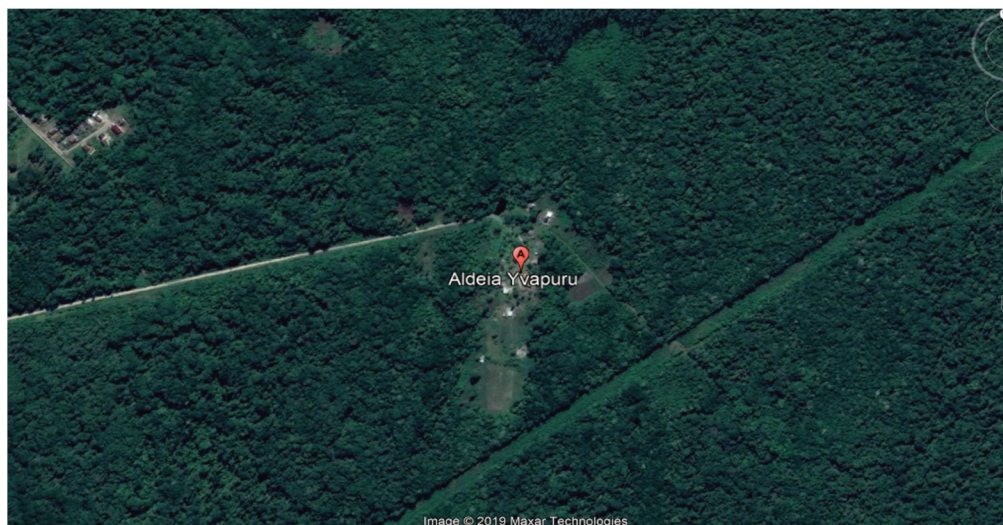


Figura 15. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da Comunidade Indígena Yvapura - Imagem Google Earth, 16/12/2019.

A Aldeia Yvapura está localizada na TI Pindoty, no município de Araquari-SC, Yvapura nome da aldeia significa (jabuticabeira), o nome da aldeia vizinha – Aldeia Jabuticabeira. As duas aldeias se encontram dentro da Terra Indígena Pindoty (TI Pindoty).



Figura 16. Aldeia Yvapura/ Foto/ Hugo Karai/ 2019

A Aldeia iniciou com uma família, a família de João Paulo da Silva (*In Memoriam*) e sua esposa Vitoria de Oliveira. Antes moravam na Aldeia Pindoty, onde os pais da Vitoria de Oliveira, Benito de Oliveira e Etelvina Gonçalves (*In Memoriam*), estavam morando, depois de um ano junto com seus pais, decidiram procurar um lugar perto dali, foi então que

chegaram nesse lugar que para o casal é um lugar perfeito para viver juntos com mais três filhos. Se instalaram no ano de 1999, e a aldeia permanece até hoje.

Aldeia Yvapura recebeu esse nome pois existia perto da aldeia a arvores chamada jabuticabeira que na língua guarani mbya (Yvapura), e o fruto dela chamada jabuticaba. Atualmente há dez famílias na aldeia, entorno de 50 pessoas.

Na aldeia tem cacique, Leonardo da Silva que responde por aldeia.

A religião na aldeia é forte, tem Opy'i (casa de reza) e alguma casinha tradicional que se encontra dentro da comunidade, faz uso de Petyngua (cachimbo) tanto fora e dentro da casa de reza.



Figura 17. Arvore de Jabuticaba https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=2ahUKEwiKhbWuwcTIAhVvCTQIHcSODUwQjRx6BAGBEAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.safarigarden.com.br%2Fmuda-de-jabuticaba-sabara-com-1-8m-enxertada&psig=AOvVaw2R27UqS059rs8jBH4X1_DL&ust=1572543000809590

A agricultura na comunidade vem acontecendo desde o início. Se cultiva milho, melancia, batata doce, mandioca e feijão. E algum tem sua própria horta, onde cultiva hortaliça, há galinheiro para quem quiser criar galinhas tanto para consumo e vender para a própria comunidade. Depois do consumo próprio, o que resta das hortaliças vão para galinhas.

As casas das comunidades são variáveis, pois, na comunidade há casas de madeira e tradicional. Cada família decide que tipo de casa que preferem para o conforto da família. Devido às dificuldades que a comunidade enfrenta, as casas tradicionais estão desaparecendo rapidamente.

As fontes de renda da comunidade são os salário das pessoas que trabalham fora da aldeia, e também de quem trabalha como Agente Indígena da Saúde (AIS), Agente Indígena de Saneamento (AISAN), motorista indígena da saúde e da aposentadoria, tem algumas mães que recebe Bolsa Família do Programa Federal, e a maioria faz artesanato para vender no município e no município vizinho.



Figura 18. Aldeia Yvapurú/ Casa Tradicional Guaraní Mbya sem parede/ foto/ Hugo Karai/ 2019

3.4. ALDEIA YVY JU (RETA)

(Conhecida também como aldeia da Reta)

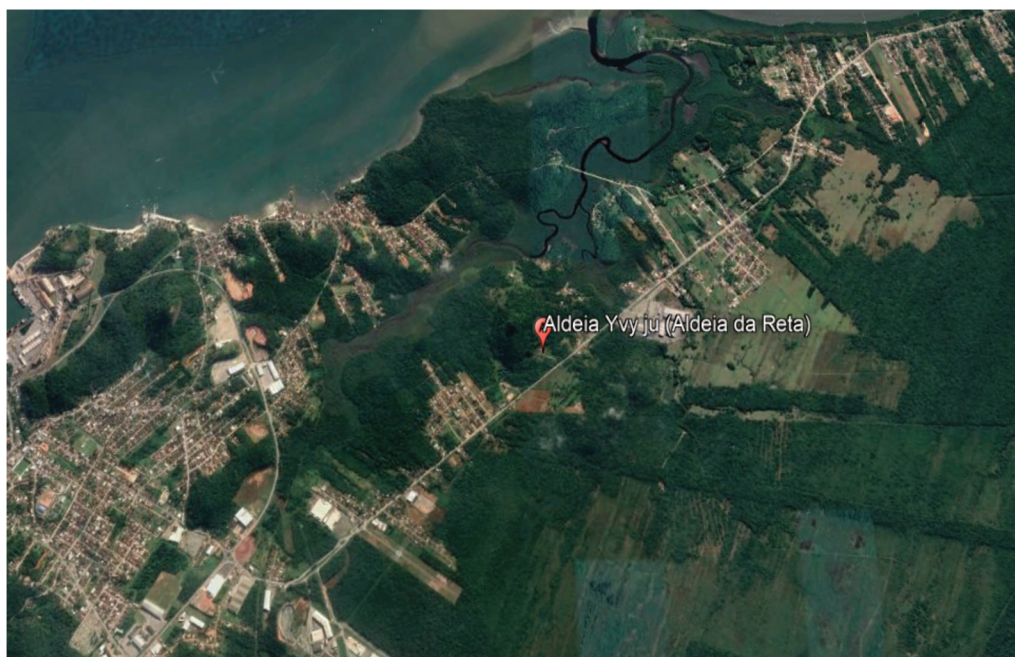


Figura 19. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da Aldeia Yvy Ju – Imagem de Google Earth, 16/12/2019.

Aldeia Yvy Ju (chamada também Aldeia da Reta) está localizada na rodovia Duque de Caxias, Km 13, município de São Francisco do Sul – SC.

Desde antigamente a região já era habitada pelo povo chamada Carijó, e até hoje essa área é habitada pelo Povo Guarani Mbya. Povo Carijó nada mais é do que o povo Guarani, e até hoje estão presentes no município, a comunidade tradicional existente nesse local vive de pequena agricultura, horta e estufa que conseguiram a traves de uma parceria com a Epagre do município. Essa aldeia ainda não é demarcada nem se quer identificada, para população do município o povo indígena guarani apareceu só a partir de 1990. Mas, na verdade desde 1960, os guarani já circulavam pelo município e nos municípios vizinhos. Antes desta data, por se sentirem inseguros os Guarani não frequentavam muito a cidade.



Figura 20. Aldeia Yvy Ju/ foto de Hugo Karai/ 2019

Como a comunidade Guarani desde sempre estiveram nos arredores da região, a partir de 2011 seu Osvaldo Karai assumiu um importante papel para sua comunidade. O cacique se preocupa com a situação atual, pois, o governo da atualidade tenta extinguir o direito a demarcação da terra que está na Constituição Federal.

A comunidade Guarani da Aldeia Yvy Ju é uma comunidade pequena, hoje se encontram catorze famílias, em torno de quarenta e cinco pessoas. No início, quando Osvaldo Karai assumiu como cacique em 2011, as famílias que estavam morando eram só três e hoje são catorze, e a tendência é aumentar ao longo do tempo.



Figura 21. Aldeia Yvy Ju/ Foto de Hugo Karai/ 2019

Na aldeia tem cacique que o seu Osvaldo Karai, e uma liderança que sempre acompanha o cacique. Como na cultura Guarani não existe eleição a cada quatro anos, Osvaldo Karai é cacique desde 2011.

Em 2018, foi construída a casa de reza, na língua guarani Opy'i para que a religião não se perca na comunidade Yvy Ju, pois, é um centro de educação tradicional para as crianças indígenas Guarani. A Opy'i é um espaço de transmissão de conhecimento tradicional para as gerações futuras, assim as crianças e jovens adquirem sabedoria neste espaço.

O significado do nome da aldeia Yvy Ju, Yvy –terra; Ju – amarela, ou seja, aldeia de terra amarela, tem muito significado, pois, para o Guarani dessa comunidade é abençoada. Todas as sementes que são plantadas ali no local crescem muito bem e a comunidade colhe com muita alegria.

Também tem horta comunitária e uma estufa de hortaliça, e todos os anos fazem a roça ao redor da aldeia, pois, o espaço é pequeno para catorze famílias que estão morando atualmente nessa comunidade. Mas os moradores da aldeia cultivam milho guarani, feijão, aipim, alguns pés de bananas, batata doce, cultivam um pouco de cada para o seu próprio sustento ou para toda comunidade.

As casas que cada família tem são de madeira com cobertura de Eternit, devido a escassez de matéria prima e outros fatores como a área ser pequena, a terra não adequada para fazer o barro, e a comunidade estar sem estudo de identificação, o que causa o desaparecimento das casas tradicionais nas comunidades indígenas na atualidade principalmente na Região Sul do Brasil. Mas, mesmo assim não deixam de lado o mais sagrado para comunidade que é a Opy'i (casa de reza), que na Yvy Ju foi construída com muita dificuldade.

A escola que a comunidade tem possui três prédios de madeira: cozinha com refeitório, duas salas de aula, todas essas construções feitas com a ajuda de dois missionários alemães: Peter e Andreas. As aulas funcionam manhã, tarde e à noite, composta por quatro docentes indígenas e quatro não indígenas.

As fontes de renda da comunidade vem de quem trabalha na escola como: professor, merendeira e faxineira, também de AIS (Agente Indígena de Saúde), AISAN (Agente Indígena de Saneamento) e aposentadoria, e alguns da comunidade recebe bolsa família do programa federal, e as outras através de venda de artesanato no município e no município vizinho.



Figura 22. Aldeia Yvy Ju/ Construção de Opy'i (casa de reza) / Foto de Hugo Karai/ 2018



Figura 23. Aldeia Yvy Ju/ Plantação de milho guarani/ Foto de Hugo Karai/ 2019

3.5. TEKOA TAKUATY (TI LAKLÃNÕ XOKLENG) MÉDIO VALE DE ITAJAÍ

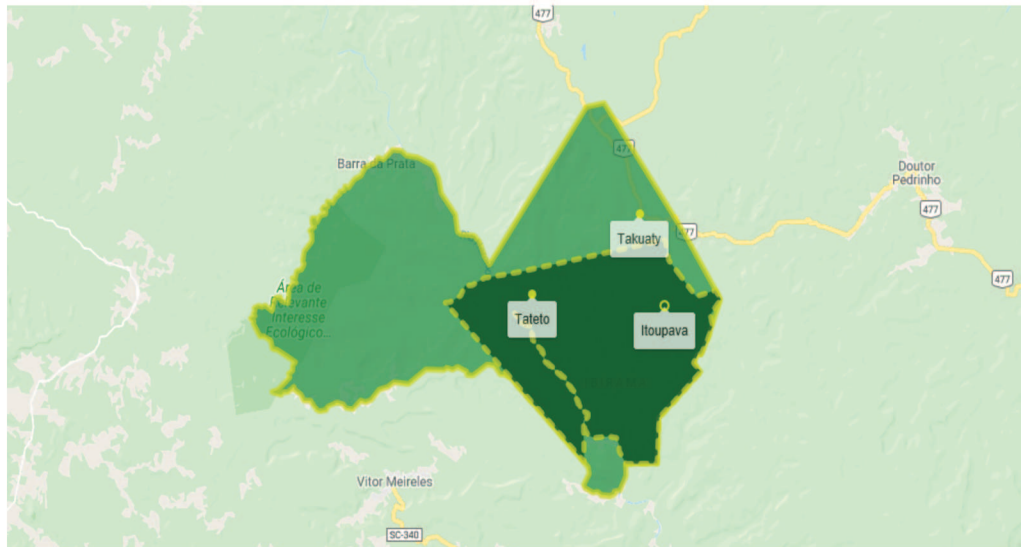


Figura 24. TI Laklãnõ Xokleng. <https://guarani.map.as/#!/villages/900/>



Figura 25. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da Comunidade Indígena Takuaty – Imagem Google Earth, 16/12/2019.

Tekoa Takuaty (Aldeia Takuaty) é uma comunidade Guarani Mbya que se encontra dentro da Terra Indígena (TI) Xokleng/Laklãnõ/SC, junto a mais oito Aldeias Xokleng: Barragem, Palmeira, Figueira, Coqueiro, Sede, Pavão, Toldo e Bugio. Situada no alto Vale de Itajaí, nos municípios de José Boiteux, Vitor Meirelles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis/SC.

No ano de 1999 foi promulgado um Regimento Interno (RI) pelas lideranças Xokleng determinando que a TI Laklãnõ pertence a três etnias: Guarani, Kaingang e Xokleng. Esse regimento expressa que cada etnia tem direito de ter sua organização própria, de acordo com sua cultura, e de ter sua própria administração. Segundo o RI, uma aldeia pode se emancipar se tiver mais de 30 trinta famílias. Os Guarani ainda não conseguiram se emancipar por não ter o número de famílias suficiente.

No ano de 2000, a família Euzébio decidiu sair da aldeia Toldo por vários motivos. Algumas das dificuldades enfrentadas eram: difícil acesso, quando chovia o rio enchia deixando a população ilhada, e sem transporte escolar os alunos enfrentavam muitas dificuldades para chegar à escola. Por esse motivo resolveram sair daquele lugar subindo para a aldeia Bugio. Hoje o local que os Guarani ocupam na região da aldeia Bugio é chamado Tekoa Takuaty.

A Tekoa Takuaty recebe este nome pois havia bastante taquara na aldeia, *takua* em guarani é taquara. No ano de 2000, a aldeia Takuaty iniciou com três famílias. Hoje já constam dez famílias, em torno de quarenta e duas pessoas.



Figura 26. Tekoa Takuaty/ Opy'i/ Casa de Reza/Foto de Hugo Karai/ 2016

Atualmente dentro da comunidade existem dois lideranças, pois, para os Guarani, o mais importante são os mais velhos, porém hoje já entram os mais jovens também nessa caminhada. Isso é devido ao avanço das tecnologias. E por isso há dois pessoas que respondem pelo Tekoa Takuaty: Adriano Mariano Benites e Vitória Luiz Euzébio.

Na aldeia, a religião tradicional guarani ainda é praticada por todos os Guarani, apesar da influência de tecnologia. Os Guarani valorizam a cultura, portanto tem *Opy'i* (Casa de Reza). A Casa de Reza é importante para batizar as crianças, pois é nesse momento que elas recebem o nome em guarani.

As práticas tradicionais estão bastante presentes entre as crianças na comunidade, pois quase todos os meninos sabem armar armadilha para sabiá, fazer artesanato, fumar cachimbo. Quando chega à noite, quase todos vão para o *Opy*, e quem não vai fuma *Petyngua* (cachimbo) na sua própria casa. E as meninas fazem o mesmo dos meninos, vão para o *Opy* e fumam *Petyngua*.

Quase todos os anos é feita a roça, a 5 km da aldeia, num lugar chamado “Pito”, na qual crescem frutos e produtos de diversos tipos de cultivos. Mas quando chega a época de colheita a dificuldade é grande, pois, para ir e só descida e para voltar e só subida. Ao redor das casas, os Guarani plantam árvores frutíferas como araçá, pitanga e tangerina. Um pouco

mais longe são plantadas aroeira, bracatinga e um pouco de araucária. Assim é o uso e manejo da terra no Tekoa Takuaty.



Figura 27. Tekoa Takuaty Foto de Hugo Karai/ 2016

A comunidade ainda mantém as casas tradicionais, mas algumas famílias já preferem também casas de madeira. Portanto, tem casas tradicionais e de madeira na aldeia.

As fontes de renda da comunidade são os salários das pessoas que trabalham na escola, dos Agente Indígenas de Saúde (AIS), e dos Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN), aposentadorias, programas sociais como a Bolsa Família e o artesanato que os Guarani vendem na cidade ou na própria aldeia.

4. O QUE É TEKOA? – SIGNIFICADO DE TEKOA PARA O POVO MBYA GUARANI

Para o povo Guarani Mbya, Tekoa é muito mais do que se pensa. O espaço que comunidade ocupa vão muito além do limite da casa que é construída na comunidade e é preciso enfatizar que a casa em si é apenas um elemento que compõe o espaço habitacional construído pelos Guarani, isto porque as funções diárias são desenvolvidas no espaço do ‘pátio’ o espaço que é chamada na língua Guarani Mbya “oka”, que significa ‘fora’, ‘fora da casa’ e não somente na casa de moradia. A vida social, a vida cotidiana, se fortalece dentro do tekoa, mesmo a comida é tudo feito na oka, ou seja, no quintal como diriam jurua kuery (os brancos).

As Tekoa antigamente possuíam Opy’i - casa de reza, e ao redor eram construídas casa menores. Cada família construía sua própria casa, e os outros os ajudavam, e todos tinham sua própria roça tradicional, e isso foi confirmada pela Azilda de Oliveira Yva’i, moradora da Aldeia Jabuticabeira: “tekoa é um espaço de vivencia, na tekoa há roça, casa tradicional e Opy’i”.

Isso vem desaparecendo ao longo da história do povo Guarani, quase em toda as aldeias de litoral norte de Santa Catarina – Brasil. Nem só de Litoral Norte, as aldeias Guarani de Litoral Sul, também, sofrem com esse desaparecimento de casa tradicional nas aldeias. Nem só a casa tradicional, a roça tradicional também raramente se vê nas aldeias, ou seja, na Tekoa.

Como afirma a pesquisadora Matta, dentro da Tekoa se estabelece a organização social e ambiental, pois a ocupação espacial para o Mbya é uma questão cultural. Esse espaço possui as características para os Guarani realizarem o seu próprio costume e atividade sociais e políticas, de acordo com seu conhecimento e leis (ver MATTA em LADEIRA, 2004).

De acordo a pesquisadora Prudente (2007) ‘tekoa vai além de espaço físico’:

“Na perspectiva desse povo, tekoa vai além da ideia de espaço físico, pois se refere a ambientes ideais onde podem viver o teko, ou reko, que significa o modo de ser Mbya. Os Guarani reconhecem um tekoa como sendo uma área

de vida de uma comunidade ou conjunto de famílias extensas que identificam um casal idoso referido geralmente como *karai* – liderança espiritual.” (Prudente, 2007, pg, 37)

A terra nunca foi e nem será um meio de produção econômica, pois *tekoa* é o lugar sagrado, onde existem condições de manter o modo de vida, produção de cultura, modo de ser Guarani Mbya. *Tekoa* demanda três espaços diferentes: a mata virgem, para caça e pesca; a mata cultivável; e a casa, para definição de espaço social e político (Zanin, 2006).

Lugar essencial para *tekoa* é um lugar que tem muitas recursos naturais e matérias primas para manutenção de famílias Guarani Mbya. *Tekoa* é o lugar onde existem os recursos e a privacidade necessários ao modo de vida Guarani – o *nhande reko* (Zanin, 2006). Na atualidade a palavra *tekoa* está sendo traduzida como “aldeia”.

“Cabe salientar que, muitas vezes, *tekoá* encontra-se traduzido como “aldeia” na literatura. Deve-se relativizar esse termo, pois ele remete à imposição histórica de reservas fechadas – aldeamentos indígenas – características da época em que os índios eram tutelados pela FUNAI, período anterior à Constituição Federal de 1988. Assim, evita-se o uso da terminologia “aldeia”, priorizando-se o termo “*tekoá*”.” (Prudente, 2007, pg, 35)

Realmente na atualidade por não conhecer a realidade do povo indígena existente no Município, os governantes pensam que os indígenas são invasores, mas, na verdade eles só estão onde já os seus antepassados estiveram. No caso dos Guarani, os Carijós que já estiveram por ali no litoral Norte de Santa Catarina e até hoje estão presente nesse região, que hoje e visto e chamado de índio de Paraguai. Dessa forma a civilização moderna pensa que os indígenas são invasores de territórios, mas, muito pelo contrário, os Guarani só estão no lugar que eles já sabiam que ali já estiveram seus antepassados, por isso, que não ficam num só lugar, sempre estão em movimento, pois, sabem o espaço e o lugar exato para a vivencia e permanência do seu povo ou grupo. Assim, este movimento dos Guarani é para eles algo legítimo e legal.

5. CASA TRADICIONAL GUARANI



Figura 28. Casa Tradicional Guarani/ Construção/ TI Pindoty/ Araquari – SC/ 2017/ Arquivo Pessoal



Figura 29. Casa Tradicional/ Mbya Guarani/ Foto de Hugo Karai/ 2018

Quando se trata de arquitetura, os indígenas também tem sua própria arquitetura, cada povo, cada etnia tem sua forma de criar o seu espaço habitacional. O povo Guarani tem sua casa tradicional, que na língua é chamada “oo”. Os Guarani organizavam principalmente o espaço a partir da disponibilidade de alimentos e de recuso naturais. A sua distribuição e a apropriação do espaço procura o acesso a natureza na abundância necessária para a

estabilidade dos grupos. Quando a comunidade percebe que já não é mais apropriado não mais propiciava o sustento necessário, vão então para novos lugares, com a finalidade de encontrar a abundância para a manutenção do grupo. Nestes espaços eram feitas construções simples que é chamada na língua Guarani Mbya “oo’i”- casinha ou casa pequena. A cada migração as casas eram abandonadas, e reconstruídas num novo local, assim mantendo a tradição.

Antes de começar a comentar das aldeias que pesquisei, gostaria de ressaltar que a casa Guarani mbya de hoje, já não é mais tradicional, eu chamaria de casa típica indígena. Todas as estruturas que se encontram nas aldeias pesquisadas são de estrutura típica das comunidades indígenas Guarani. A seguir farei um breve relato de cada aldeia e de como são as casas e estruturas de cada uma, e de como foi construída.

Na aldeia Takuaty todas as casas são de estrutura feitas de madeira comprada de lojas de materiais de construção. As casas são feitas de madeira e cobertura de telha. As madeiras compradas para a construção são: peroba, imbuia, canela, guajuvira. Esses são os nomes que são citados pelas entrevistadas para fazer a casa tradicional na formação da aldeia ou para construir a casa de reza na comunidade. O que muda hoje é que em lugar de tirar as madeiras diretamente da mata, hoje essas mesmas madeiras estão sendo compradas. O único que ainda é tradicional é a casa de reza – Opy’i – pois é feita de madeira tirada da mata, toda a estrutura da casa de reza é feita de madeira da mata.



Figura 30. Opy/Casa de reza/ foto de Hugo Karai/2017

Desde a amarração e fixação de parede, as amarrações são feitas de cipós – que na língua é chamada *Yxyo* ou *guembepi*. E o resto das casas que se encontram nesta comunidade são as casas construída com as tabuas compradas ou de doações que recebem na aldeia. As casas que se encontram na aldeia tem banheiro, cozinha, sala de estar e três quartos, todas as casas são parecidas umas com as outras.

Na foto acima, a casa que aparece a esquerda é Opy'i – a casa de reza, cobertura de taquara, parede de madeira tirada da mata e barro para não entrar o vento. A que está no meio e a casa onde se dorme quando se sai da opy'i, com cobertura de Eternit e parede de tabuas, porque na opy'i ninguém pode dormir. A da direita é um pequeno curral, pois criam duas vacas leiteiras, que são da comunidade.

Yvapuru é uma aldeia que tem em relação as estruturas das casas mais variáveis, variáveis porque as casas são construídas com a madeira comprada e tirada da mata. Todas as casas da aldeia Yvapuru tem suas estruturas distintas, desde a cobertura, tem casa que é a cobertura e de palha a outra já não, uma que a parede é de madeira da mata, mas já outra não. A parede é fixada com amarração com cipós, mas, também algumas preferem o prego pois e mais prático. Para ter amarrações com cipós tem de ir no mato e procurar até achar, e quando achar precisa ter técnica para tirar, pois não é tão fácil.



Figura 31. Opy'i/ Casa de Reza/ Yvapuru/ Foto de Hugo Karai/ 2019

A única casa que ainda é totalmente tradicional que se encontra dentro desta comunidade é a casa de reza que está no meio da aldeia. Muitas pessoas das aldeias vizinhas também frequentam esta casa de reza. Esta casa foi construída com muita dificuldade, toda a comunidade esteve envolvida para restaurar a Opy'i, isso foi no ano de 2004, e de lá para cá houve mais duas restaurações. De acordo com a Vitoria de Oliveira, moradora da aldeia, as casas tradicionais estão desaparecendo rapidamente ao longo da história da aldeia. Isso vem acontecendo dentro das comunidades das aldeias que se encontra na Região Norte de Santa Catarina.



Figura 32. As casas da aldeia Yvapura/foto de Hugo Karai/2019

A casa que está à esquerda é da Vitoria de Oliveira, a primeira moradora da aldeia na comunidade, a cobertura da casa é feita de Eternit e a parede de tabuas, ou seja, comprada, a que está no meio já é de cobertura de palha que na língua Mbya Guarani chamada de *pindo'i rogue*. Também conhecida como folha de Guaricana. E a terceira casa que está à esquerda e a cozinha, onde é feito o café da manhã, almoço e a janta. A cobertura e de Eternit e as paredes de tábuas.

Na Jabuticabeira todas as casas são de madeira comprada, poucas casa tem com cobertura de palha, as casas são feitas de tábuas e cobertura de Eternit, por tanto, eu chamo essas estruturas de casas típicas indígenas, que está sendo visto nas aldeias de litoral Norte de

Santa Catarina. Recentemente tive honra de participar da construção da casa tradicional na comunidade, ajudei ao pessoal a buscar a madeira da mata até o local da construção. Presenciei desde o começo até onde a estrutura ficou toda de pé. Fiquei admirado pois a maioria de quem estava eram jovens, uns ajudando outros e na hora do almoço ficavam todos juntos rindo e conversando, parece sem preocupar com a situação que é chamada de progresso, pois, a aldeia Jabuticabeira está sendo cercada pelo avanço das casas dos não indígenas.

“Os Guarani desenvolveram atividades agrícolas, de caça, pesca e coleta compatíveis com sua situação, mantendo o equilíbrio ecológico com criatividade e dinamismo, respeitando épocas de reprodução e os ciclos da natureza (Zanin, 2006, pg, 29)”. Reforçando a afirmação da autora; de acordo com a fala da Nina de Oliveira da aldeia Jabuticabeira: “Jurua kuery retã ma iporã va’e’y, mba’e ta, ha’ e kuery ma ndoikuaai koo ka’aguy regua”, ou seja, *os brancos entendem o mundo que eles vivem, mas, jamais entenderá a importância do ciclo da natureza.*



Figura 33. Descascando a madeira/ Jabuticabeira/foto de Hugo Kara/ 2019



Figura 34. Estrutura levantada/ Jabuticabeira/ foto de Hugo Karai/ 2019

Quando olhamos para fotos que tive a honra de tirar e acompanhar esses jovens construindo casa tradicional, mostra quanto a importância a demarcação de Terra Indígena, para que os Guarani continuem a manter a sua própria vivência que traz de muita longa data, pois hoje vivem como podem, sem saber para onde ir fazer a sua moradia de acordo com espaço que ocupam, dividindo e disputando com fazendeiros e com loteamentos que afetam diretamente as comunidades indígenas.

Yvy Ju se encontra na beira de rodovia que liga cidade e as praias, mas, nem por isso deixa de praticar a cultura milenar que é cultivar o solo. As estruturas das casas que se encontram são quase iguais as estruturas da aldeia Jabuticabeira. Todas as casas são feitas de madeira comprada – tábuas, e cobertura de Eternit. Mesmo assim é possível encontrar no meio dessas casas, uma que é tradicional, que é a opy'i. Para construir a casa de reza foi um grande sacrifício para toda comunidade da aldeia, pois, e preciso ir para outra aldeia procurar as madeiras para construção. Os materiais foram trazidos da Terra Indígena Pindoty que está localizada no município vizinho chamado Araquari – SC.

Casa de reza foi construída na aldeia Yvy Ju com materiais trazidos da aldeia Yvapuru. Todas as madeiras são cortadas na mata onde também se colhe um pouco de palha para cobertura da casa de reza. Também tiveram que pagar o frete para levar estes materiais

para Yvy Ju, e todas da comunidade fomos para aldeia Yvapuru inclusive cacique Osvaldo Karai esteve junto com a sua comunidade.

As casas que a comunidade constrói para sua família são todas de tabuas, as estruturas são parecidas com as que vemos na cidade sendo construídas de madeira. Isso é a consequência do avanço dos loteamentos e de porto que está se instalando na cidade, com isso, vem inúmeras pessoas a procura de vaga de emprego. Para perceber a gravidade da situação fizemos uma caminhada pela mata atravessando a Rodovia Duque de Caxias, logo em seguida chegamos no lugar onde era a antiga aldeia Guarani, onde hoje se encontra Porto Seco, onde carregam e descarregam containers.



Figura 35. Comunidade Yvy Ju/ foto de Hugo Karai/ 2018

Na atualidade a comunidade vem crescendo e o espaço fica pequeno, de acordo com relato do cacique da aldeia, antigamente vivia circulando pela mata, mas, hoje isso já não é mais possível devido às casas de jurua kuery (casas de não indígena) que ficam próximas da comunidade.



Figura 36. Cacique Osvaldo Karai carregando palha/ foto de Hugo Karai/2018



Figura 37. Estrutura da Casa de Reza/ Yvy Ju/ Foto de Hugo Karai/ 2018

A imagem acima mostra que a estrutura já está tudo levantada que falta só as paredes e cobertura. As paredes são feitas de tronco de menor espessura, mas, antigamente era também tronco de Pindo (palmeira jerivá).

“As madeiras utilizadas são o marfim, o angico ou o rabo-de-bugio, pois são mais duras e não permitem que os carunchos as destruam. Esta madeira utilizada na construção é retirada da mata, porém, para isto existe um ritual religioso a ser seguido. Antes da construção da obra em si, é necessário que o rezador local seja consultado. É ele quem dirá se a obra deve ser feita ou não. Em seguida os construtores vão até a mata e escolhem a árvore que melhor se adapta à obra que desejam construir” (KÜHL & SCHALLENBERGER, 2014, pg, 217).

Realmente são os mais velhos que dão permissão para que seja construída a casa de reza. Isso eu percebi quando acompanhei a construção nas três aldeias: aldeia Pindoty, Jabuticabeira e Yvy Ju.



Figura 38. Casa de Reza/ Yvy Ju/ Foto de Hugo Karai/ 2018

Para a construção de casa de reza existe uma época que só o rezador sabe, não é só construir quando quer. A casa para dormir é menor que a casa de reza, também não é aconselhável para construção da casa de reza durante lua nova, pois, nessa época o ataque de praga aumenta e danifica a matéria prima (KÜHL & SCHALLENBERGER, 2014). Em todas as aldeias que foram pesquisadas “pode-se perceber a precária situação habitacional das casas tradicional nas comunidades visitadas” (Prudente, 2007, p. X). Isso em função de escassez de

recursos naturais ou até mesmo pela degradação ambiental causada por parte dos invasores na área indígena.

6. O QUE LEVA A NÃO CONSTRUÍREM MAIS A CASA TRADICIONAL

Litoral Norte de Santa Catarina na Região de Garuva, Joinville, Araquari, Balneário Barra do Sul e São Francisco do Sul, quando os navegadores Europeus chegaram, avistaram a população que ali habitava. Os navegadores o chamava de índios Carijós, de tantas numerosos a população Carijós se estendia desde Litoral de Rio Grande do Sul até Litoral de Espírito Santo (Moreira,2015).

Essa população, na visão do Portugueses foi dizimado, mais muito pelo contrário, hoje que são chamados de índio Guarani, mas na verdade são sucessores dos Carijó. Portanto, até hoje estão habitando a área que desde sempre foi ocupada pelo Carijós, que hoje são Mbya Guarani. Por varios motivos os que estavam no litoral foram adentrando novamente para o interior da mata até Rio Paraguay e Uruguay.

Ao longo do processo da formação da tekoa os indígenas no Litoral Norte de Santa Catarina, vinham sofrendo ameaças por parte de colonizadores, ou seja, do império Português no século XVII.

“Eles sofriam duas ações simultâneas de incorporação ao Império Português: a missão dos jesuítas do Rio de Janeiro, que os catequizaram na área e também levaram grupos para formar aldeias junto à Baía da Guanabara; os paulistas que diziam ter levado cento e vinte mil carijós (aí certamente incluídos os que foram missionados pelos jesuítas espanhóis na bacia do Prata) para o serviço dos colonos e venda a outros mercados necessitados de mão-de-obra por deficiência de escravos africanos. Com isso desapareceu a população indígena do litoral e o espaço foi sendo ocupado por colonos de origem europeia, vindos de mais ao norte da colônia ou diretamente da metrópole.” (Rogge & Schmitz, 2017, pg 253).

A resistência dos povos indígenas antigamente era na mata, pois, estando na mata criavam estratégias de como enfrentar os invasores. Os habitantes do local foram expulsos ou até mesmo capturados para ser vendidos ou trocados como escravos. Portanto nem eram só os

africanos que e eram escravos, indígenas Carijós também eram escravos junto com africanos durante império Português.

Principalmente os que estavam na área litorânea, algumas aldeias foram destruídas, pois, não aceitavam trabalhar como escravos, a consequência disso, algumas pessoas das comunidades foram levadas e outras mortas, as crianças eram jogadas vivas no mar. Assim expulsando indígenas da sua própria casa, espaço e território. Assim, também tomaram a área que é cultivável para varios cultivos que eram praticados pelos indígenas Carijós.

Assim, confirma Idalina Fernandes dos Santos, anciã da aldeia Takuaty:

“Desde que comecei a lembrar das coisas, que passei, e vi acontecer, triste demais, chegava os homens de botas e armas, e nós corria para o mato, so depois 4 a 5 dias que saíamos da mata novamente, e nao entendia o que realmente acontecia, vi pessoas chorando e nao entendia. Depois fomos para outro lugar, e la construía casa, sempre era na beira de um rio que ficávamos”

O povo indígena que se encontrava na beira do mar, constantemente sofria esse ataque, e alguns sempre fugiam para a mata, após, de um tempo voltavam para o lugar de origem, porque era onde os indígenas habitavam, o solo era realmente e rico, para a pratica da agricultura e relação com meio ambiente era forte. Pois, respeito pela natureza e ensinada desde criança, para ter esse entendimento que, sem a mata a sobrevivência do povo ou grupo e impossível.

Após de 519 anos de contato, ainda mantem a cultura milenar. O refúgio dos Guarani é a opy'i (Casa de reza), o lugar onde se busca a orientação de Nhanderu (Deus). Assim, tiveram resistência, e se ajudava um aos outros.

Os portugueses quando expulsavam a comunidade que se encontravam no litoral formavam colônias onde os guaranis estavam, assim, tomava as áreas produtivas que os indígenas tinham. Com o ataque dos portugueses, os indígenas fugiam para a mata e depois retornavam, mas, como onde era aldeia era já tomada pela colônia, davam um jeito de ficar

próximo. Assim, a população indígena em geral foi perdendo seus territórios ao longo do processo da história do Brasil.

Pois, onde eram as aldeias invasores expulsavam para se apossar e dizer que são donos, e para ampliar seu espaço entra em confronto com a população indígena, alegando que estão atrapalhando. Com isso argumentam de que os indígenas estão invadindo, ou até alegam que não são dali, daquela área sabendo que eles já estavam antes deles chegarem. Atualmente, infelizmente, a população indígena ainda enfrenta a situação que vem acontecendo desde a chegada dos europeus a essa continente que hoje é conhecido como Continente América do Sul.

Nas aldeias que foram pesquisadas, exatamente o problema é esse, o espaço é pequeno, já não tem mais a matéria prima para construção de casas. Tem muitas construções perto da comunidade indígena, cada vez tem mais moradores não indígenas próximos as aldeias, em alguma aldeia as casas dos não indígenas são construídas dentro das áreas. No Yvapuru, a 50 mts. da comunidade já nos deparamos com uma cerca com arame farpado impedindo atravessar.



Figura 39. Yvapuru/ cerca com arame farpado/ Foto de Hugo karáí/ 2019

Colocando uma cerca assim se impede a entrada dos indígenas para tirar o que precisam da mata, pois, até hoje, os sábios tiram remédio da mata, e para construir casas piorou, já não tem mais nada. Na comunidade Jabuticabeira o que preocupa é o loteamento que está bem perto da aldeia. O loteamento foi feito onde estava a nascente de água, ervas

medicinais, taquara bambu também tinha, portanto, a área que comunidade indígena tinha como fonte de sobrevivência foi extinta pela ambição do jurua kuery (homem branco).

A comunidade da aldeia Yvy Ju sofre com a rodovia, pois tem que atravessar para buscar lenha ou até mesmo para pegar ervas medicinais. E onde era a aldeia Guarani, foi instalada a Rocha Terminais Portuários e Logística - Porto Seco, perto dali também já tinha uma aldeia que hoje faz parte de uma fazenda.



Figura 40. Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da Aldeia atual e antigas - Google Earth, 18/ 01/ 2020.

Com isso as comunidades indígenas vivem como podem.

“O Estado possui uma visão sobre terras associada ao modelo capitalista de desenvolvimento econômico. Por sua vez, os índios, de forma geral, compreendem o território como espaço que lhes atribui a identidade étnica, ou seja, como um local que é identificado com os antepassados e com as questões ecológicas e mítico-religiosas.” (Teao, 2015, pg. 136).

O autor afirma muito bem, quando relata a visão do Estado sobre terras, enquanto a compreender do povo Indígena Guarani em relação ao território e bem diferente. Por isso que os guarani precisam das matas, mata virgem para sobrevivência.

7. CONSIDERAÇÃO FINAL

Com este trabalho saberemos mais sobre porque desaparecimento das casas tradicionais nas comunidades indígenas, realmente as comunidades indígenas sofrem perseguições até hoje, sendo roubado pelo grande empreendimento que causa impactos ambientais, isso é ruim tanto para comunidades indígena e para os não indígenas. A preocupação dos anciões é o futuro das gerações que estão por vir, se não tem mais mata, como manter a cultura milenar.

A casa tradicional está desaparecendo nas aldeias, com isso, a tradição está sendo esquecida, e se adaptando com a cultura de fora.

Entre as duas casas há uma diferença, a casa tradicional tem dois funções, na época do frio dentro da casa e bem quentinho, pois é feito fogo no chão para e esquentar tudo, e no verão, fica fresquinha, e a casa que não é tradicional já não tem essa função. Na época do frio fica mais frio ainda, e na época de verão parece um forno.

E quando os grandes empreendimentos impactam a comunidade indígena, vão com os projetos prontos, sem fazer a devida consulta as comunidades que se viram afetadas. Os PBA (Programa Basico Ambiental) feitos pelos equipes contratados pelas empresas já vem prontos e não são consultados. Eu diria que isso é etnocentrismo.

Se tivesse mais tempo pesquisaria mais a fundo, assim, teria mais noção sobre a área, de quantos metros quadrados que precisaria para construir uma casa tradicional, ou melhor, a casa de reza. Mas com este trabalho já se pode ter noção da importância de preservar a natureza e porquê do desaparecimento das casas tradicionais nas aldeias indígenas de Litoral Norte de Santa Catarina.

8. BIBLIOGRAFIA

LADEIRA, Maria Inês. **O caminhar sob a luz: Território Mbya à beira do oceano.** São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

MOREIRA, Marcos. **VISÃO GUARANI SOBRE O TEKOA: Relato do pensamento dos anciões e líderes espirituais sobre o território.** UFSC, trabalho de conclusão de curso. Florianópolis, 2015, p.22.

PRUDENTE, Leticia Thurmann. **Arquitetura Mbyá-Guarani na Mata Atlântica do Rio Grande do Sul: Estudo de caso do Tekoá Nhüu Porã.** Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Porto Alegre: UFRGS, 2007. <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/thesis/view/33>

SCHMITZ, Pedro Ignacio & ROGGE, Jairo Henrique. **OS CARIJÓS DO LITORAL MERIDIONAL DO BRASIL UM ESPELHO PARA OS ARQUEÓLOGOS OLHAREM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.** Pesquisas Antropologia, 73: 251-268.

SILVA, Victor Hugo Oliveira, **RESSONÂNCIAS DE ÑANDERU: UM ESTUDO SOBRE TRÊS DIFERENTES VERSÕES DE AYVU ROPYTA.** http://www.humanas.ufpr.br/portal/antropologia/files/2013/11/silva_nanderu.pdf. TCC Curitiba, UFPR.

TEAO, Kalna Mareto. **TERRITORIO E IDENTIDADE DOS GUARANI MBYA DO ESPIRITO SANTO (1967, 2006).** Tese de Doutorado, Niteroi, UFF.

ZANIN, Nauíra Zanardo. **Abrigo na Natureza: construção Mbyá-Guarani, sustentabilidade e intervenções externas.** 2006. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

<https://www.ufrgs.br/neab/index.php/2017/01/27/abrigo-na-natureza-construcao-mbya-guarani-sustentabilidade-e-intervencoes-externas/>

Paginas www:

<https://www.litoraldesantacatarina.com/saofranciscodosul/caracteristicas-de-sao-francisco-do-sul.php>

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94054>

<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/08/povos-indc3adgenas-em-santa-catarina.pdf>

<https://www.araquari.com/historia/>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/araquari/historico>

<https://www.litoraldesantacatarina.com/saofranciscodosul/caracteristicas-de-sao-francisco-do-sul.php>

<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4159>

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA, MAS NÃO CITADA NO TEXTO

AGUIRRE NEIRA, Juan Carlos, **Ocupação e Gestão Territorial de Indígenas Mbyá-Guarani**: Análise a partir da formação da aldeia Itanhaén, em Santa Catarina – Brasil. UFSC, Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas). Florianópolis: SC, 2008.

<https://pergamum.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php>

BERTHO, Ângelo Maria de Moraes. **Os Índios Guarani da Serra do Tabuleiro e a Conservação da Natureza**. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH). Florianópolis: UFSC, 2005.

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/tesesdissertacoes/os-indios-guarani-da-serra-do-tabuleiro-e-conservacao-da-natureza-uma>

BORGHETTI, Andrea. **Tekó, Tekoá Nhanderecó e Oguatá**: territorialidade e deslocamento entre os Mbyá-Guarani. Dissertação (Mestrado Antropologia Social). ICS-UNB: Brasília, 2014.

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/17402>

CARRINHO, Rosana Guedes. **Habitação de interesse social em aldeias indígenas**: uma abordagem sobre o ambiente construído Mbyá-Guarani no litoral de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Arquitetura em Urbanismo). Florianópolis, SC: UFSC, 2010.

<https://www.passeidireto.com/arquivo/29009671/habitacao-de-interesse-social-em-aldeias/48>

CRUZ, Juliana Tassinari. **Habitação Indígena para a Aldeia Mbyá Guarani da Lomba do Pinheiro**. Estudo de caso apresentado para disciplina de projeto VII. Porto Alegre – RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/15731086/habitacao-indigena-para-a-aldeia-mbya-guarani-da-lomba-ulacav>

MEDEIROS, Jean Carlos de Andrade. **Reestabelecendo um Tekoá pelos índios Guarani Mbyá** – Um estudo de caso da aldeia Yakã Porã – Garuva, SC. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Florianópolis, UFSC: 2006.

<http://docplayer.com.br/23223904-Reestabelecendo-um-tekoa-pelos-indios-guarani-mbya-um-estudo-de-caso-da-aldeia-yaka-pora-garuva-sc.html>